

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SANDRA REGINA GOMES BONFIM

**HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS NA TURMA DA EJAI NA ESCOLA MARIA ALICE
MACHADO, CODÓ-MA**

CODÓ-MA
2019
SANDRA REGINA GOMES BONFIM

**HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS NA TURMA DA EJAI NA ESCOLA MARIA ALICE
MACHADO, CODÓ-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA,
campus VII, Codó, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

CODÓ-MA
2019

SANDRA REGINA GOMES BONFIM

**HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS NA TURMA DA EJAI NA ESCOLA MARIA ALICE
MACHADO, CODÓ-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão, campus VII,
Codó, como requisito para a obtenção do grau
de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

APROVADA EM: 21/ 06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra (UFMA)
Orientador

Profa. Ma. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
Examinador 1

Profa. Esp. Maria Evelta Santos de Oliveira (UFMA)
Examinador 2

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Gomes Bonfim, Sandra Regina.

HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS NA TURMA DA EJAI NA ESCOLA MARIA ALICE MACHADO, CODÓ-MA / Sandra Regina Gomes Bonfim. - 2019.

55 p.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2019.

1. Abandono. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Histórias e Lembrança. I. Serra, Luís Henrique. II. Título.

“Não há saber mais, ou saber menos.
Há saberes diferentes”.
Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse na minha vida, com fé se pode superar as dificuldades, obstáculos que surgiram durante meu percurso acadêmico.

Agradeço a minha mãe, **Antônia Gomes Bonfim**, mulher guerreira, heroína que me deu apoio, carinho, incentivo, nos momentos difíceis de desânimo que enfrentei para chegar até aqui, para que esse sonho torna-se real.

As minhas filhas, **Isa Regina Bonfim, Irla Samara Bonfim, Iane Zuleide Bonfim**, que me deram apoio, incentivo, mesmo nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da dedicação, de enfrentar e adquirir novos conhecimentos, dando motivação e acreditando sempre na minha vitória.

A minha amiga **Francine Carla**, que sempre me apoiou, me incentivou a continuar nessa jornada.

Ao meu irmão **Carlos Augusto Bonfim**, por está ao meu lado sempre, nos momentos que precisei me ajudando, apoiando como pode.

As minhas amigas, **Raimunda, Franciele, Ednalva, Natali, Maria Mary, Rosangela, Layla**, companheiras de trabalhos, amigadas que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, que sempre me deram força a continuar, nos momentos que tive dificuldades.

A **Luís Henrique Serra**, meu orientador pela oportunidade, o conhecimento repassado, a paciência e o incentivo desde o início do curso, em que pude participar junto com ele do Grupo de pesquisa GIELP - Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa.

A Universidade Federal do Maranhão que tem como gestora, **Dr. Franciele Monique Scoptc dos Santos**, pela atenção disponibilidade de está presente, nos dando apoio sempre que pode, pelas suas correções e incentivos.

A todos os Professores, Mestres e Drs. que contribuíram diretamente com conteúdos, ensinamentos, dicas, metodologias e conhecimentos repassados, por cada momento vivido ao lado de cada um, com seu jeito de ensinar, sendo maravilhoso tê-los na minha vida acadêmica, em que pode desenvolver meus conhecimentos.

A **Prof. Dr. Cristiane Dias Martins**, que me deu todo apoio a participar mesmo como voluntária da Residência Pedagógica, em que tenho adquirido experiência com a turma de alfabetização, e acrescentando em meu currículo como futura pedagoga.

A todos que de certa forma participaram direta ou indiretamente para que esse sonho tornasse realidade.

RESUMO

Esta pesquisa é uma descrição de histórias e lembranças escolares dos alunos da educação de jovens e adultos-EJA no município de Codó-Ma, na escola Maria Alice Machado, nas turmas do primeiro segmento de alfabetização. A pesquisa também identifica quais os fatores que condicionam o abandono escolar e o papel que a escola tem e quais as condições sociais que fazem com que os indivíduos retornem para a escola. Desse modo, o objeto deste estudo são as lembranças da realidade escolar dos alunos dessa modalidade e o sistema escolar do passado. As técnicas de recolha de dados escolhidas para alcançar os objetivos da pesquisa foram uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa de caráter e História oral, tendo em vista que foi realizada por meio de uma conversação com alunos e um professor da modalidade. Nessa conversa, foram coletadas informações sobre o perfil dos alunos da EJA e as experiências e organização da modalidade no município. Também foram feitas entrevistas não diretivas com 20 alunos de duas turmas do primeiro segmento, 2º etapa e 3º etapa de alfabetização e pós- alfabetização que, em sua maioria, são do sexo feminino e com faixa etária de 15 a 85 anos. Após a conversa com os alunos, foi feita uma entrevista com uma professora regente das duas turmas. A pesquisa configura-se também como uma pesquisa bibliográfica de autores, Moll (2011), Cortada (2013), Gadotti e Romão (2007), Martins (2013) dentre outros e documental por buscar documentos oficiais e relatórios, além de material teórico sobre o ensino de jovens e adultos e idosos no Brasil. Por meio da pesquisa, foi possível observar que fatores sociais e econômicos são os que mais são relatados entre os estudantes para justificar o abandono escolar. Nos relatos dos alunos, é possível observar a esperança de ascensão social após a conclusão do curso.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Histórias e Lembrança. Abandono.

ABSTRACT

This research aims to provide a description of the stories and school memories of students of young adult education - EJA in the municipality of Codó-MA, at the Maria Alice Machado School, in the classes of the first literacy segment. The research also aims to identify the factors that condition the school dropout and the role that the school has and the social conditions that cause individuals to return to school. Thus, the object of this study is the memories of the school reality of the students of this modality in the past and the school system of the past. The data collection techniques chosen to achieve the research objectives were a field research, with qualitative approach of oral history character, considering that it was carried out through a conversation with students and a teacher of the modality. In this conversation, information was collected about the profile of the students of the EJA and the experiences and organization of the modality in the municipality. Non-directive interviews were also conducted with 20 students from two groups of the first segment, the second stage and the third stage of literacy and post-literacy, which are mostly female and aged 15-85 years. After the conversation with the students, an interview was made with a teacher in charge of both classes. The research is also a bibliographical and authors Moll (2011), Cortada (2013), Gadotti e Romão (2007), Martins (2013) documentary search for official documents and reports, as well as theoretical material on the teaching of youths and adults and the elderly in Brazil. Through the research, it was possible to observe that social and economic factors are the most reported among students to justify dropping out of school. In the students' reports, it is possible to observe the hope of social ascension after the conclusion of the course.

Keywords: Education of Adults and young. memories and histories. Abandonment

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1- Informações da SEMECTI.....	27
QUADRO 2 - Dados sobre os entrevistados	32
QUADRO 3 - Dados sobre os entrevistados	35
QUADRO 4- Distribuição dos alunos quanto à idade, sexo, profissão, filhos e o que levou a abandonar a escola.....	37
QUADRO 5 - Distribuição quanto à série atual, motivo que trouxeram a sala de aula e diferença da escola hoje e do passado.....	39
QUADRO 6 - Acolhimento quanto a estudar em casa, dificuldades nas matérias e perspectiva de futuro	43
QUADRO 7- Informações da das pela docente da pesquisa	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PROGRAMA EJA NA HISTÓRIA: Olhando para o todo	14
2.1 A educação de jovens e adultos: decretos e leis	17
2.2 A EJA no Maranhão.....	24
2.2.1. Contexto histórico da EJA em Codó.....	26
2.5 Organização da EJA em Codó.....	27
3 METODOLOGIA	29
3.1. Cenário da pesquisa.....	30
3.2 Instrumentos e coleta de dados	30
3.3 População e amostra.....	31
4 A ESCOLA DO PASSADO NA FALA DOS ALUNOS DO EJA: PENSANDO O PRESENTE	34
4.1. O EJA em Codó: organização e procedimentos	34
4.2. Os sujeitos da EJA em Codó: conhecendo histórias e vidas.....	36
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A.....	54
APÊNDICE B	55

1 INTRODUÇÃO

Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino, tem por objetivo a inclusão de pessoas analfabetas ou semianalfabetas nas escolas, que é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (9394/96). E que visa o atendimento de indivíduos dando continuidade nos estudos no ensino fundamental e médio mesmo na idade não escolar.

O ensino da EJA viabiliza e estimula o acesso e permanência desses alunos na escola mediante ações integradas e possibilitando aprendizagem de forma contínua e com significado em todas as fases da vida, e não somente na idade apropriada. Também, trabalha não simplesmente como forma de suprir ou tapar lacunas que foram deixadas durante as suas primeiras experiências, mas, para, além disso, como forma de adquirir conhecimentos de forma diferente da que quando os alunos se encontravam antes, quando mais jovens.

Considerando essa realidade, a EJA é uma modalidade de ensino que está relacionada com o direito dos indivíduos acessarem direitos básicos que estão disponíveis apenas a quem tem conhecimento do código escrito. Dessa forma, cabe ressaltar que a modalidade EJA atende uma população carente dentre homens e mulheres que por algum motivo não puderam estar inseridos nas escolas. Saber quais os motivos levou á evasão e, posteriormente ao retorno, podendo assim, resgatar as lembranças ocorridas ao longo do tempo, através de sua trajetória de vida dentro e fora do ambiente escolar, é um ponto importante na compreensão da realidade dos alunos.

A Educação de Jovens e Adultos - EJA foi viabilizada no município de Codó em 2001. Como modalidade, atende, atualmente, todos os que procuram lugar no ambiente escolar para prosseguirem seus estudos. Busca entender as motivações e os fatores que condicionam a permanência e o abandono escolar por parte desses indivíduos. Nesse sentido, este trabalho procura conhecer os discursos desses indivíduos, bem como, a história de vida deles e sua relação com o ambiente escolar.

Com isso, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: Quais as memórias e modelos escolares existem na lembrança deles? Por meio da contação oral de

histórias de vida de jovens e adultos na modalidade EJA no município de Codó? Buscamos reconhecer esses modelos e essas lembranças existentes no passado.

Para tanto este estudo objetivou analisar a realidade pessoal e social dos alunos da modalidade EJA da Escola Maria Alice Machado, e especificamente: Entender quais os fatores que condicionam o abandono escolar; Demonstrar o papel que a escola tem e quais as condições sociais que permitem os indivíduos retornarem ao convívio ou escolar procurarem a escola depois de muitos anos sem nem ter entrado em uma sala de aula; Registrar lembranças da realidade escolar dos alunos no passado; Problematicar a relação aluno e escola e sua importância no sucesso escolar.

A justificativa deste estudo se dá em compreender a relação das lembranças e o abandono e quais os motivos os levaram a deixar a escola, assim também os motivos os quais os levam a retornarem. Podendo, assim, ser realizadas pesquisas e roteiros com mulheres, homens, jovens e adultos inserido nessa modalidade de ensino, buscando um reflexo sobre si, pois é uma parte imprescindível para construção de identidade desses alunos que estão incluídos nas turmas da EJA. A proposta consiste em que os alunos falem sobre suas lembranças e momentos importantes de sua vida, logo, eles, também farão um retorno às suas experiências frustradas dentro ambiente escolar. A recontar suas histórias de vida, espera-se por meio dessas memórias, trazer consigo as leituras de mundo, que antes foi/ainda é importante em sua trajetória de vida dentro e fora da escola.

Nesse sentido, é importante para a pesquisa saber através de histórias de vida de pessoas que fazem parte dessa educação, e não apenas por meio de metodologias aplicadas na sala de aula, mas em especial pelo impacto gerado na qualidade de vida da população de Codó, enquanto pessoas inseridas na educação de jovens e adultos. Muitas pessoas se consideram ignorantes por não saber ler, têm vergonha de falar de si, de suas experiências escolares por isso é preciso que seja oralizado de forma que o alfabetizando tenha o direito de querer se expressar como cidadão. Dessa forma, é preciso adentrar sobre a importância de ler e escrever, principalmente em relação as pessoas que não estejam adequadamente envolvidos em situações de escolarização.

Com relação a temática da pesquisa, podemos dizer propriamente que, o tema veio de encontro á pesquisadora, pois é possível perceber que, pode-se fazer

uma ligação entre pesquisadora e sujeito da pesquisa, pois dentro do espaço de tempo de 20 anos fora da sala de aula. Adentrar dentro da universidade é uma grande conquista para uma pessoa que passou esse tempo todo longe da educação.

Partindo desse pressuposto em que as pessoas atuem e prossigam seus estudos, ao quais não tiveram oportunidade de concluírem antes assim, tornarem dignas e resgatar os valores a que tem direito na sociedade. Pois a EJA não se limita apenas no processo de alfabetização, mas o objetivo é desenvolver a leitura e escrita, além de dá ênfase as várias oportunidades de podem atuarem na sociedade, e adapta-se a diferentes contextos, desenvolvendo assim seus aspectos críticos e tornando-se aptos a serem cidadãos reflexivos exercendo assim seus direitos e no meio social.

Nossa pesquisa se encontra organizada em capítulos, no primeiro capítulo: O programa eja na história: Olhando para o todo, A educação de jovens e adultos: decretos e leis, A EJA no Maranhão, Contexto histórico da EJA em Codó, Organização da EJA em Codó, em que realizamos uma abordagem histórica sobre a EJA, nos capítulos seguintes abordamos a Metodologia da pesquisa, Cenário da pesquisa, Instrumentos e coleta de dados, Sujeitos Participantes. Para a pesquisa de campus apresentamos A escola do passado na fala dos alunos do eja: pensando o presente, O EJA em Codó: organização e procedimentos, Os sujeitos da EJA em Codó: conhecendo histórias e vidas, por fim apresentamos nossas considerações finais, as referencias e os apêndices.

2 O PROGRAMA EJA NA HISTÓRIA: Olhando para o todo

Almeida e Corso (2015) afirmam que, A Educação de Jovens e Adultos – EJA e seu contexto histórico no Brasil são pela trajetória de ações e programas destinados à educação básica, aos programas de alfabetização, para ao combate ao analfabetismo.

Diante de pesquisa e leituras realizadas, o contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos teve início na época do Brasil Colônia, com a catequização dos indígenas e com a criação de escolas noturnas para analfabetos do sexo masculino na corte, a educação favorecia somente a classe alta denominada da elite, sendo que a classe pobre não tinha acesso à instrução escolar e quando as recebiam era de forma indireta, intermediada por outros que já haviam sido alfabetizados.

No Brasil, a EJA é apontada por descontinuidades políticas referentes à educação, tornando-se assim algo que pouco possa ter acesso a direitos educacionais quando se trata de uma demanda tão grande, em uma extensão territorial, tornando-se tardia em lugares com pouco acesso à informação.

De acordo com Cortada (2013), a Educação de Jovens e Adultos – EJA, teve início no Brasil bem antes do império, com a chegada dos primeiros padres jesuítas, no ano de 1549. Nesse sentido, o ensino da EJA começa a se desenvolver no período colonial, momento esse que os missionários religiosos exerciam uma ação educativa com adultos da época destinada aos brancos e indígenas, educação essa que eram baseadas no estudo clássico, nas primeiras noções da religião católica (SANTANA et al, 2012).

Moura (2003), afirma que, “essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa (p.26)”. Assim a educação já se inicia dualista, de um lado visava uma educação voltada para a elite, os detentores do poder, e por outro, não tinha finalidades para a transmissão do conhecimento científicos, escolares, mas somente para a propagação da fé cristã, era necessária a aprendizagem de técnicas, ou seja, a formação de mão de obra barata. Cortada (2013, p.9) afirma que:

Nesse período, a economia, baseada na exportação de matéria-prima, necessitava muito do domínio de técnicas agrícolas e trabalhos manuais, sendo a escrita e a leitura de atividades voltadas à elite da população da metrópole. (...), inicialmente a alfabetização

de adultos tinha como propósito, (...) a instrumentalização da população.

Assim, a verdadeira educação e o acesso à cultura eram destinados à elite, os primeiros professores (jesuítas) iniciaram o trabalho educativo com os índios e terminaram com os filhos dos proprietários de terras, preparando-os para assumir a ordem religiosa ou continuar os estudos nas universidades (SANTANA et al, 2012).

Ainda de acordo com Cortada (2013, p. 9) “A chegada da primeira prensa trazida por D. João VI, a abertura dos portos, o acervo de livros oferecidos, a criação do Banco do Brasil e a inauguração da primeira faculdade”, foram fatores importantes para que se pensasse um novo modelo de educação no Brasil.

Moura (2003) comenta que, a educação que era repassada pelos jesuítas, foi transformada em educação de classe, com as características que bem distinguem a aristocracia rural brasileira, ou seja, os filhos dos fazendeiros, os filhos dos banqueiros, que visavam frequentar a faculdade, atravessando todo o período colonial e imperial e atingindo o período republicano, sem ter sofrido qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar.

Mesmo ocorrendo mudanças dentro do contexto brasileiro, o modelo de educação continuou privilegiando a elite dominante, continuando grande o número do percentual da população adulta analfabeta, com a Proclamação da República (1889), mesmo o país passando por transformações estruturais no poder político, não houve qualquer preocupação com o quadro educacional (MOURA 2003). No entanto, somente muito tempo depois é que houve uma preocupação com a educação, Para Cortada (2013, p. 10), a “Educação de Adultos (EDA), ganha maior importância em 1932, quando acontece a Cruzada Nacional de Educação com a finalidade de combater o analfabetismo do país”. Em 1949, o movimento de combate ao analfabetismo se constitui como política educacional, marcada por uma ideologia política, de 1942, um discurso pedagógico voltado para a modernização da sociedade moderna (CORTADA, 2013).

No entanto, foi com Paulo Freire, em 1950, que a educação de Adultos se tornou mais visível, quando o educador lançou seu olhar mais preocupante para o analfabetismo, ao escrever *Educação e Atualidade Brasileira*, conquistou reconhecimento internacional, particularmente pela experiência em Angicos, no Rio

Grande do Norte, com 300 trabalhadores que foram alfabetizados em 45 dias, por meio dos *currículos de cultura* (CORTADA, 2013). Beisiegel Comenta nesse sentido, que

No campo da educação da massa de adolescentes e adultos analfabetos, a partir de meados da década de 1940, permitem identificar uma primeira grande contribuição de Paulo Freire para a educação popular. Já em seus primeiros trabalhos, no Segundo Congresso Nacional de Alfabetização, em 1958, e logo em seguida, na tese de cátedra apresentada em 1959 à Escola de Belas Artes de Pernambuco, distanciando-se das orientações até então prevalecentes, o educador focalizava o analfabetismo como uma expressão da situação global da existência do homem analfabeto. “O adulto analfabeto, suas condições de vida e suas experiências existenciais deveriam determinar as orientações e as características dessa prática educativa.” (BEISIEGEL, 2010, p. 17).

A Educação de Adultos, de acordo com Freire (2011), se move em direção a Educação Popular, que se dá à medida que a realidade começa exigir sensibilidade e competência científica dos educadores e educadoras. Para ele, não é possível pensar somente em procedimentos didáticos e conteúdo, pois ambos não devem ser diferentes da cotidianidade popular. Quando a cotidianidade quer se dizer que, o que se ensinar em sala de aula não pode ser diferente do “que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos (...), nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação popular” (FREIRE, 2011, p. 21-22).

Nesse sentido, essa educação está ligada a inclusão de pessoas trabalhadoras, por isso era denominada, anteriormente de Educação de Adultos, pois visava apenas constituir e formar mão de obra para o mercado de trabalho (CORTADA, 2013), e posteriormente a com movimentos pela educação, esteve mais direcionada a uma Educação Popular, destinada não a trabalhadores como também todos que não estiveram na escola quando criança (FREIRE, 2011).

No início dos anos 60, a alfabetização de adultos compôs estratégias de ampliação das bases eleitorais e de sustentação política de reformas que o governo pretendia realizar. O fervor político social do período culminou em um cenário propício à experiência de novas práticas de alfabetização e animação sociocultural desenvolvida pelos movimentos de educação e cultura popular, que em sua maioria adotaram a filosofia e o método de alfabetização proposto por Paulo Freire, nesse sentido, podemos cita como exemplos:

O Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; e os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da União Nacional dos Estudantes (UNE) (BRASIL, 2008, p. 26).

As experiências de toda a pedagogia do oprimido, não só na América latina, eram experiências não estatais, desenvolvia-se exteriormente ao estado e geralmente se confrontava com políticas hegemônicas do estado (TORRES, 2007).

Portanto, as próprias histórias da vida dos alunos são elementos importantes como partes para construção da vida política, econômica e social do país. Quem viveu nos últimos anos 30, 40, 50 e 60 no Brasil é testemunha de pedaços importantes da história e o olhar singular de cada adulto pode transformar-se, também em material pedagógico significativo (MOLL, 2011).

Ao longo do tempo foram criados diversos programas e políticas como Movimento Brasileiro pela Alfabetização (MOBRAL) em 1967, o Projeto Minerva, a Fundação Educar dentre outros, que trouxeram várias propostas de alfabetização, mas não de forma tão avançada, era simplesmente para que esses alunos aprendessem escrever seu nome, algumas letras e palavras. Assim, no início da escolarização no Brasil, o pensamento sobre a educação só começa a ser mudado a partir do processo de industrialização e urbanização do país, onde o índice de analfabetismo era alto e a escolarização precária à nível de outros países.

De acordo com Arroyo (2005), os sujeitos da EJA possuem uma concepção atual voltada para identidades de classe, raça, etnia e gênero. Por isso, faz-se necessário pensar uma proposta educacional pautada numa relação dialógica em que essas particularidades sejam respeitadas, e que a participação desses sujeitos seja priorizada, caso contrário, as vozes desse público continuarão silenciadas, bem como o processo de inviabilização perpetuar como tem acontecido ao longo dos anos.

2.1 A educação de jovens e adultos: decretos e leis

A Constituição Federal de 1988, no seu capítulo III, Artigos 205 a 214, amplia o acesso aos direitos básicos, dentre eles, a educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394 de 1996, trata, em seus artigos 37 e 38, que é a

Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não tiveram acesso ou que não deram prosseguimento ao ensino fundamental e médio na idade própria, visando e estimando o acesso e permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art.37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

De acordo com as Leis Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação de jovens e adultos e o Parecer CNE/CBE 11/2000, devem ser observados os componentes curriculares dessa modalidade de ensino, considerando o público-alvo a que se destina a educação de jovens e adultos, sobretudo, os objetivos do ensino. Nesse sentido, na realidade das escolas da EJA, muitas são as gerações que se encontram dentro de uma sala da modalidade.

A educação de jovens e adultos atende a todos aqueles que não tiveram acesso à escola independente da idade em que se encontra desde que tenha condições adversas e ainda que tardia, possibilite esses indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, e inseridos na vida social, tornando pessoas críticas ao mundo globalizado.

Por outro lado, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata das reflexões e ajusta-se como uma alternativa para atender estes indivíduos, que, por motivos diversos, não frequentaram a escola na idade apropriada, e voltando depois de certo tempo, buscam ser inseridos no mercado de trabalho e retornam à escola com outros objetivos, que não é apenas o de aprender a ler a escrever.

Nesse sentido, no Brasil, o atual Plano Nacional de Educação, aprovado conforme a Lei de nº 13.005/2014 preconizou a primeira versão da BNCC, a qual apontava para conclusão e aprovação de uma nova versão deste documento curricular em 2015. O referido Plano traz, no art. 2º, alguns aspectos importantes para direcionar os objetivos da política educacional,

Art. 2º São diretrizes do PNE: I - erradicação do analfabetismo; II - universalização do atendimento escolar; III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; IV - melhoria da qualidade da educação [...].

De acordo com Arroyo (2005), os sujeitos da EJA possuem uma concepção voltada para identidades de classe, raça, etnia e gênero. Por isso, faz-se necessário pensar uma proposta educacional pautada numa relação dialógica onde essas particularidades sejam respeitadas, e que a participação desses sujeitos seja priorizada, caso contrário, as vozes desse público continuarão silenciadas, bem como o processo de inviabilização perpetuará como tem acontecido ao longo dos anos.

Logo, a modalidade EJA é uma forma específica de se trabalhar um público variado, tornando-se um grande desafio que teve início muitos anos atrás, pois se tratava de um programa que visava o fim do analfabetismo, mais adiante, esse conceito veio a ser mudado, tornando-se uma modalidade de ensino que contempla aqueles alunos que não tiveram a oportunidade de estudar.

Durante longos anos, no Brasil, as poucas escolas existentes eram privilégio das classes média e alta, em que as pessoas das classes baixas não tinham direito de estudar, somente os filhos das pessoas da elite. Desde a infância, os indivíduos abastados têm acompanhamento escolar, enquanto os da classe pobre não têm acesso e quando têm é feito de forma indireta, por meio de educação em casa ou por atitude do próprio estudante. Após todos os acontecimentos da época no contexto histórico da educação do Brasil, foi outorgada a primeira Constituição Brasileira, Artigo 179, em que constava a ideia de que a “instituição primária era gratuita para todos os cidadãos”, pois mesmo a instituição sendo gratuita não favorecia a classe pobre, ou seja, a escola era para todos, muito embora, inacessível a quase todos (MARTINS, AGLIARDI, 2013).

Para Gadotti (2001), a educação de jovens e adultos no Brasil, iniciando pela alfabetização, ao longo do desenvolvimento histórico, foi assumindo concepções diferentes tanto no âmbito de sua importância como no de sua forma de organização e efetivação. Muito embora tenha se modificado a fim de atender um número maior de pessoas, o que se constata, ao adentrar o século XXI, é que o Brasil ainda possui milhões de analfabetos.

De um modo geral, o que se pode observar no trabalho com as pessoas da EJA, professores e alunos, é a busca por uma melhor perspectiva de vida diante das exigências atuais e oportunidades no mundo tecnológico e globalizado, onde podem adentrar no conhecimento da nova realidade e tornarem-se pessoas críticas e

reflexivas diante da sociedade letrada, em que a leitura e a escrita podem possibilitar novas possibilidades em relação às suas próprias memórias.

Considerando esse contexto, podemos relatar que os alunos da EJA, trazem informações sobre o meio em que vivem e de suas memórias ao desvincular do meio escolar diante da sua vida passada. Para Freire (1991, p.40), os ensinamentos devem partir das concepções do aluno, jovens e adultos sobre seu mundo e sobre o mundo, ou seja, “o ponto de partida são seus conhecimentos prévios”.

Freire (1991) nos remete a uma visão de aprimoramento do conhecimento desses indivíduos, que eles trazem consigo e de suas memórias. Freire afirma ainda que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, porque os sujeitos se educam por meio da problematização e da situação do meio em que eles convivem. Assim, Freire tinha como centro o diálogo, e esse é o aspecto que a diferencia da metodologia utilizada pelo MOBRAL: por mais que o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL propagasse a formação crítica dos alunos, ainda assim, a formação do MOBRAL era uma formação fragilizada, sem o diálogo. Para Nascimento (2011, p. 15), no início da EJA,

O adulto era visto como um ser ignorante e imaturo era tratado da mesma forma que a criança da escola primária, assim como o conteúdo recente a educação primária era transmitida do mesmo modo para os educandos jovens e adultos.

A educação de jovens e adultos era uma modalidade vista apenas como uma reprodução da escola primária infantil e, em 1958, surge um novo pensamento pedagógico marcado pelo período do pensamento de Paulo Freire, que tinha como objetivo metodologias eficazes, inovadoras e reflexivas. No entanto, em 1964, com o golpe militar, os movimentos em prol da educação de jovens e adultos e outros modelos de ensino inovadores foram interrompidos.

Segundo Haddad e Pierro (2000, p.113), a educação de adultos passou a ser reconhecido também como um poderoso instrumento de ação política. Finalmente, foi-lhe atribuída uma forte missão de resgate e valorização do saber popular, tornando a educação de adultos o motor de um movimento amplo de valorização da cultura popular.

Com a ruptura política, perdem-se algumas conquistas da EJA no que diz respeito às políticas educacionais, perpetuando ainda mais a grande dificuldade na alfabetização desses indivíduos, sobretudo porque a política de alfabetização nacional deixou de tratar de alfabetizar e atender as necessidades da sociedade em

si, para atender os objetivos políticos do governo. Anos depois, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação, Lei nº 5692/71, foi regulamentado o ensino supletivo, que é um ensino que visa constituir uma nova escola mais sistematizada, uma nova linha de escolarização formal que atende de forma a recuperar o atraso por indivíduos que não conseguiram realizar a escolarização no período adequado.

O ensino supletivo teve como objetivo suprir uma escolarização regular e atender a demanda de educação continuada, de forma a recuperar o atraso por parte dos indivíduos que não conseguiram realizar a sua escolarização no período adequado.

Dessa forma foi fundamentado em quatro princípios que segundo os autores citados se configuram em:

- a) Suplência – suprir a escolarização regular para aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram na idade certa;
- b) Suprimento – tinha por finalidade propiciar estudos de aperfeiçoamento e atualização;
- c) Aprendizagem – proporcionar uma formação metódica voltada para o mercado de trabalho;
- d) Qualificação – destinava-se a formação profissionalizante do indivíduo, ou seja, a Constituição de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho (HADDAD; PIERRO, 2000, p. 7688-7689).

A partir desses pontos, podemos entender que o ensino sofreu várias modificações, para se chegar ao que conhecemos hoje. Nesse sentido, Beluzo e Teniosso (2015, p. 201) explicam que:

De acordo com os métodos que foram utilizados no ensino do Mobral, segundo Aranha (1996, p. 207), pode-se dizer que eram praticamente os mesmos adotados por Paulo Freire, porém de maneira deformada e com algumas particularidades, pois o governo oferecia o seu avesso; portanto não muito completo, pois se utilizava do método das fichas de leitura, mas não considerava o conhecimento prévio do aluno e tampouco existia o processo de conscientização, tão defendido pelo educador Paulo Freire.

A reforma educacional de 1995 e, com ela, a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF trouxeram algumas modificações na organização e responsabilidades da educação básica: a Educação Infantil, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos. Dessa maneira, a Educação Infantil e a Educação de Jovens e Adultos passaram a ser responsabilidade dos setores municipais. A criação do FUNDEF e a LDB levaram também ao movimento de municipalização do ensino. Desse modo, as prefeituras passaram a se responsabilizar também pelas

séries iniciais do ensino fundamental, enquanto o Estado ficava com o segundo segmento do ensino fundamental e com o ensino médio. Aos poucos, o Estado passou a transferir para os municípios a responsabilização pela educação básica.

A partir dessa divisão, a EJA vem sendo de responsabilidade dos municípios, por meio das prefeituras, e, muitas vezes, a modalidade é feita a partir de iniciativas populares.

Mediante a todas essas mudanças na legislação, o que se pode perceber que também houve mudanças no processo de ensino e aprendizagem dos professores que atuam na EJA. Os professores devem se adequar às novas metodologias e apresentar condições de avaliar as necessidades de aprendizagem de cada aluno da modalidade, tendo em vista as diferenças sociais e objetivas dos alunos da EJA. Martins (2013, p.3) explica que, na modalidade EJA:

Ensinar já não é mais levar o conhecimento para a sala de aula e, sim, enriquecer e valorizar os conhecimentos dos estudantes, o que significa adequar as metodologias tradicionais aos conceitos andragógicos que levarão à construção coletiva dos conhecimentos a partir dos referenciais de vida deles, tornando o aprendizado mais agradável e contextualizado.

Nesse sentido, Martins faz uma comparação entre as metodologias tradicionais e os conceitos andragógicos, que norteiam o trabalho de construção do conhecimento de jovens e adultos e que mostram, aos educadores, alternativas para atrair os alunos da EJA para a valorização do seu conhecimento e da formação do sujeito social. O autor ainda relata os princípios e a importância de estudar andragogia, que corresponde ao estudo das ciências com foco no aprendizado dos adultos, conforme a vivência e interesses desses indivíduos em aprender e suprir as necessidades de sua vida. Os aderentes aos princípios da andragogia seguem um conjunto de ideais e teorias para o aprendizado do indivíduo adulto, tais como:

1. Necessidade de saber: adultos carecem de saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
2. Papel das experiências: para o adulto, suas experiências são à base de sua Necessidade de saber: adultos carecem saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
3. Autoconceito do aprendiz: adultos são responsáveis por suas decisões e por suas vidas, portanto querem ser vistos e tratados, pelos outros, como capazes aprendizados. As técnicas que aproveitam essa amplitude de diferenças individuais serão mais eficazes.
4. Prontidão para aprender: o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu dia a dia.

5. Orientação para aprendizagem: o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação e utilidade.

6. Motivação: adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos: autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento. (MARTINS, 2013, p. 145-146).

Seguindo os princípios da Andragogia, percebe-se que existem grandes possibilidades para o professor da EJA de preparar indivíduos e desenvolver habilidades e competências necessárias para sua vida, facilitando o processo de ensino e aprendizagem, podendo transformá-lo, por meio do diálogo, em que o indivíduo observa o mundo que ele já conhece, com outros olhares e de poder interpretar de outra forma, isto é, com um olhar crítico e compreender significados de todas as palavras que ler, além do que ele possa construir sentidos em sua vida, conquistando sua autonomia, visto que esses indivíduos trazem consigo uma bagagem que nem sempre sabem se apropriar e conduzi-la. Assim, Martins comenta ainda que:

Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: "Veja" – e, ao falar, aponta. O aluno Olha na direção apontada e vê o que nunca viu. O seu mundo se espanta. Ele fica mais rico interiormente. E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos. Vivemos para ter alegria e para dar alegria. O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto. (MARTINS, 2003, p. 116, apud ALVES, 2013, p. 151).

Portanto, cabe ao educador mostrar caminhos para a apropriação desses conhecimentos, alfabetizando e letrando para o mundo de avanços e tecnologias utilizando ferramentas para que esses indivíduos sintam-se motivados e tenha bons rendimentos ao ingressar em práticas cotidianas e complexas, tendo em vista que a aproximação com a leitura e com a escrita é um princípio indispensável para que se tenha sucesso em uma sociedade grafocêntrica, como é a nossa.

Cumprir acrescentar que a Andragogia é a ciência que estuda o aprendizado do adulto, buscando desenvolver estratégias que busca no conhecimento mútuo do adulto. Apesar de ser um estudo abstrato ainda há poucos estudos a respeito de Andragogia, sendo desconhecido por muitos e faz parte dos estudos da pedagogia.

2.2 A EJA no Maranhão

Mediante pesquisa relacionada à educação de EJA foi possível perceber que são poucos os trabalhos que se ocupam da história dessa modalidade no Maranhão. Exemplo desses poucos trabalhos, a dissertação de (ALMEIDA, 2018) que fez uma pesquisa sobre a EJA em Imperatriz e de Castros (2009), que trata de questões históricas sobre a história da Educação Maranhense, diferentemente do contexto nacional, para esse autor, é sentida a falta de:

(...) repertórios bibliográficos que contribuíssem para sanar os vazios sobre a história da educação e, principalmente, que estimule a produção de trabalhos científicos provenientes da graduação e pós-graduação sobre o seu passado educacional (CASTRO, 2009, p. 19).

No Plano Estadual de Educação (PEE, 2014), Lei nº 10.099, de 11 de junho de 2014, o Maranhão, está acompanhando o contexto nacional e considerando o art.8º, §2º do Plano Nacional de Educação - PNE, que aprova o Plano Estadual de Educação do Maranhão. Nesse documento, destacam-se as dificuldades em democratizar e universalizar a educação pública e da exclusão de jovens, adultos e idosos – ora por não terem acesso, ora por não terem condições de permanência e da necessidade de uma proposta de educação básica voltada para esses grupos. Em sua meta 10 e 11, plano trata sobre a expansão da matrícula para Jovens, Adultos e Idosos, diversificação curricular, material didático, educação profissional, formação de professores e exames de certificação (BRASIL, 2014b).

Para acompanhar e organizar a Educação Básica, o Estado aprova e reformula com base na resolução nº. 118/2016 – Conselho Estadual de Educação - CEE, o Regimento Escolar dos Estabelecimentos de Ensino da Rede Pública Estadual do Maranhão, que traz os objetivos e estruturas da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos consonantes com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos do Parecer nº 11/2000 (MARANHÃO, 2016).

Podemos perceber que o Maranhão acompanha as políticas públicas dentre elas destacam-se o Movimento de Educação de Base (MEB), movimento que nasceu em 1961 em parceria com o governo, e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cujo elemento principal era a difusão da educação via rádio e de forma gratuita.

Kreutz (1979, p.65) pontua que: “[...] esse sistema educativo se mostrou adequado [...]” onde a escassez de comunicações, de recursos materiais e, principalmente, humanos, mantém a maioria da população em nível cultural, econômico e social incompatível com a dignidade humana. O Programa Nacional desintegração da Educação Profissional – PROEJ, com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Decreto n.º 5.840, de 13 de julho de 2006). Instituído no âmbito federal e abrange cursos e programas de educação profissional: formação inicial e continuada de trabalhadores; e educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2010b).

Também nesse período houve, a criação do Serviço de Educação de Adultos (SEA)-1947, a Campanha de Educação de Adolescente e Adulto (CEAA)-1957, a Campanha de Educação Rural (1952) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CEAA) – 1958 (DI PIERRO; JOIA; MESAGÃO, 2001, p.59 apud ALMEIDA, 2018). A campanha possuía duas estratégias; os planos de ação extensiva (alfabetização de grande parte da população) e os planos de ação em profundidade (a capacitação profissional e atuação junto as comunidade). Pois objetivo não era somente alfabetizar, mas aprofundar no trabalho educativo. A CEAA atuou no meio urbano e rural possuindo objetivos diversos e comuns em alfabetizar.

Assim, podemos perceber que as políticas voltadas à educação de jovens e adultos passam por várias modificações na execução educacional no Brasil e no Maranhão, ainda torna-se evidente a necessidade de melhorias em relação a esse público com baixa escolaridade e que continua sendo tratado como seres incapazes de adquirir conhecimento, sobretudo de ler e entender a realidade.

Para Arroyo (2011), a EJA continua a ser entendido a partir de uma visão errônea do ser jovem e adulto na concepção de evadidos ou excluído, sendo imprescindível desmitificar esse posicionamento. O autor ressalta que:

A EJA somente será reconfigurada se esse olhar for revisto. Se o direito à educação ultrapassar a oferta de uma segunda oportunidade de escolarização, ou na medida em que esses milhões de jovens – adultos forem vistos para além dessas carências. Um novo olhar deverá ser construído, que os jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites e possibilidades de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito à educação. (ARROYO, 2011, p. 23).

Nesse sentido, o papel do poder público (Federal, Estadual, e Municipal) é de garantir a implementação de políticas públicas para a educação de jovens e adultos em todos os seus aspectos, e garantir o ingresso e a permanência dos alunos nas instituições públicas. Alguns programas que ocorreram em âmbito nacional também aconteceram no Estado, muito embora, não possamos afirmar que ocorreram de forma sistemática.

2.2.1. Contexto histórico da EJA em Codó

Os dados apresentados a seguir foram informados pela Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia – SEMECTI do Município de Codó e foi disponibilizada pelo escritório da EJA na secretaria por meio de documentação disponibilizada para consulta apenas na própria secretaria.

A Educação de Jovens e Adultos teve início no município de Codó, em 2001 e foi reconhecida como programa no mesmo ano de sua implementação. Atualmente, a EJA é reconhecida como uma das modalidades do ensino, a partir da LBD/96. Ao longo dos anos, a modalidade no município de Codó-MA vem procurando atender essa demanda de alunos a prosseguirem seus estudos, pois a EJA não se limita apenas a alfabetizar, mas objetiva desenvolver a leitura e escrita, além de dar ênfase a várias áreas do conhecimento e fazer com que esses alunos saibam atuar na sociedade, adaptando-se aos diferentes contextos, desenvolvendo assim o seu aspecto crítico, tornando aptos a serem cidadãos reflexivos para exercerem seus direitos de forma que os beneficiem.

No entanto, anterior a isso, aconteceu o programa Brasil Alfabetizado, que foi um programa que, inicialmente, teve 500 alunos, na primeira fase, existiam os ciclos de alfabetização, a diferença hoje é que tem os segmentos. Ao final, houve 379 alunos concluintes. Assim, em janeiro de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de adultos seria uma propriedade do novo governo federal, com isso foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, e para cumprir isso foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado.

Atualmente, o município aderiu ao “I” na EJA, ficando EJA I como sendo de Jovens, Adultos e Idosos. Cumpre lembrar que são poucos os municípios que usam o I, conforme o Parecer do Conselho Municipal de Educação, a “regulamentação da educação de jovens, adultos e idosos para reconhecer a inclusão do idoso como

sujeito de direito na EJA” (CME, 2017), pois todas as escolas têm o IDOSO, e isso serve para legitimar sua presença (SEMECTI-CODÓ, 2018).

Diante dessa realidade, no município de Codó. São oferecidos também cursos profissionalizantes agregando estes alunos ao mercado de trabalho. Vale ressaltar a presença da “EJAI Ativo”, uma iniciativa do município, que se trata de uma equipe com cinco educadores físicos, funcionais que trabalham com palestras, atividades físicas com este público alvo, não apenas para atrair o público para a escola, mas para levar além de educação, uma saúde de qualidade a eles.

2.5 Organização da EJA em Codó

Atualmente, a EJAI em Codó possui 16 escolas e 5 anexos na Sede. No Campo, funcionam 13 polos, com 37 escolas. Quanto ao número de matrículas e a existência dos alunos, a SEMECTI realizou uma realocação das escolas que atendiam com a modalidade EJA, para que houvesse acompanhamento acontece foi preciso diminuir o número de escolas, dessa forma foi garantido o atendimento, a nucleação e acompanhamento assistencial não só a gestão escolar como também para os alunos (SEMECTI-CODÓ, 2018). O quadro 1, a seguir, mostra um panorama da situação atual da EJAI em Codó.

QUADRO 1-Informações da SEMECTI

MATRÍCULAS DA SEDE				MATRÍCULAS DO CAMPO			
1 SEGUIMENTO		2 SEGUIMENTO		1 SEGUIEMNTO		2 SEGUIMENTO	
2 etapa	3 etapa	1 etapa	2 etapa	2 etapa	3 etapa	1 etapa	2 etapa
362	335	448	580	328	266	97	141
697		1028		594		238	
1725				832			
TOTAL 2.557							

Fonte: Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEMECTI, 2018.

Quanto aos números mencionados acima é de responsabilidade da Gestão e Coordenação da EJAI em Codó, que realiza as visitas e os acompanhamentos às escolas da sede e do campo, junto com uma equipe da SEMECTI. Sobre a veracidade desse número de matrículas, a Coordenação da EJAI, afirma que a existência desses alunos é real, pois, anterior a essa organização, era impossível

provar a existência desses alunos matriculados na EJAI, embora o senso mostrasse uma situação diferente, tratava-se de matrículas inexistentes, pois as escolas possuíam documentos com nomes de pessoas inexistentes. No entanto, o grande desafio no município, em relação à EJAI, é ter o adulto em sala de aula.

Pois na EJAI a maioria desses adultos são trabalhadores que enfrentam dificuldades de diversas naturezas, mas ao longo dos anos essa Educação de Jovens e Adultos vem mudando sua função primordial que elevar e ofertar a escolaridade aqueles que não tiveram oportunidade de estudar. Com o propósito de levar a educação ao longo da vida, transformando e oportunizando melhorias na qualidade de vida de seus alunos para que possam da continuidade nos estudos, e assim possam alcançar voos ainda mais altos, como exemplo encarar um ensino superior, cursos técnicos informática entre outros, pois a EJA é uma porta de acesso a um universo de possibilidades, basta acreditar e não desistir.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, história oral e bibliográfico, realizado por meio de uma conversação em que foram coletadas informações sobre o perfil dos alunos da EJA, a fim de compreender as histórias de vida escolares desses alunos, se houve um abandono e a importância de retornarem ao espaço de sala de aula, por meio de uma entrevista não diretiva, contendo questões abertas. Além disso mas a grande significância no retorno desses indivíduos que na maioria são adultos retornarem a escola, mesmo que já tenham vivido longos anos mas sem ter ido a escola.

Para entender o significado das pesquisas e investigação nas relações existente entre outros aspectos que envolvem os fatos, fenômenos e situações diferentes utilizamos modelos bibliográficos, principalmente, a partir dos trabalhos de Moll (2011), Cortada (2013), Gadotti e Romão (2007), Haddad e Pierro (2000), Martins (2013) entre outros.

A pesquisa Bibliográfica foi realizada com busca em autores e pesquisadores da área da Andragogia: estudiosos da modalidade EJA e das políticas públicas educacionais para a formação de adultos vigentes no Brasil. Trazendo para essa discussão as leis, pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) entre outros documentos que delimitam e norteiam as atividades da EJA no País, entre outras pesquisas. Foram consultados os sites do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, entre outros sites sobre a EJA.

A pesquisa apresenta-se a partir de diversas abordagens, entre elas, a de estudo qualitativo e história oral e bibliográfico, oral por fazer uso de observação e registro de relatos dos alunos da EJA dentro do campo de pesquisa, na escola Maria Alice Machado, na sala de 2º e 3º etapa do primeiro seguimento de alfabetização durante o primeiro estágio na EJA, que foi realizado entre os dias de 28 Agosto á 12 de Dezembro de 2018, e de Março á Maio de 2019, com realização de observação e regência duração de 45 horas.

Como forma de facilitar a interação com os alunos, durante a pesquisa de campo, as aulas muito ajudaram para que houvesse uma troca de conhecimento entre ambos (pesquisadora e sujeitos da pesquisa). Sendo que as duas turmas da pesquisa, haviam uma diversidade em alunos ao encontramos jovens de 15 anos e

idosos que cheguem à idade de 83 anos, aproveitando essa aproximação, as entrevistas foram realizadas por meio de uma conversa informal, em que os alunos conversavam de forma livre, sobre suas histórias vida e trajetória escolar, e por fim como eles percebem a modalidade de ensino EJA.

Segundo Lakatos e Marconi (2007), a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinados assuntos, ou seja, é uma conversação entre o entrevistador e o entrevistado para obtenção de um resultado.

3.1. Cenário da pesquisa

O cenário da realização deste estudo foi à escola Maria Alice Machado, que fica localizada na cidade de Codó-MA, situado no leste do Maranhão a 292 quilômetros da capital, São Luís. Onde possui uma área de 4.364,499 km², e com população de 120.548 habitantes, de acordo com o IBGE¹, em 2016.

Maria Alice Machado é uma unidade escolar municipal que fica localizada na Praça Hamilton Aguiar Pereira no bairro São Francisco, que atende a população desde o fundamental menor (1º ao 3º ano) manhã e tarde e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) do primeiro ciclo de alfabetização ao 9ºano á noite.

Ela atende uma parte considerável do público da EJA no bairro São Francisco e por ser uma escola que nos ofereceu melhor acesso aos alunos e às salas de aula da modalidade. O Bairro São Francisco é um dos bairros mais populosos do município e tem uma população carente bastante considerável que é atendida pela escola, que oferecem a modalidade, a escola tem como estrutura física 6 salas de aula, uma cantina, uma diretoria, uma sala de professores que funciona a biblioteca, uma sala de informática, uma sala de recursos e três banheiros.

3.2 Instrumentos e coleta de dados

Os dados foram coletados no período de estágio compreendido entre Agosto a Dezembro de 2018 e Março a Maio de 2019 em dias alternados, mediante os dois

¹Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/panorama>

períodos de estágios, com a aplicação de um roteiro previamente organizado com algumas questões desenvolvidas por meio de uma conversa com os alunos, onde os instrumentos utilizados foram: um aparelho celular que apresenta uma diversidade de recursos, como gravador de voz, câmera fotográfica. Além disso, foi utilizado um roteiro não diretivo (Apêndice A), bloco de anotações e caneta.

A partir da conversa individual com os alunos da EJA e da fala deles em relação as suas dificuldades diante da continuidade do ensino e por meio da leitura de autores que abordam sobre a evasão em escola na modalidade, foi feita uma relação com os dados coletados nas fontes oficiais e os relatos de alunos evadidos que retornaram à escola.

3.3 População e amostra

A população investigada para a realização desta pesquisa é constituída por 20 alunos e uma professora. A faixa etária dos entrevistados está entre adultos de 15 – 83 anos. Assim, a pesquisa foi dividida entre duas turmas, dentre elas está o primeiro segmento 2º etapa – A (2º e 3º ano) do ciclo de alfabetização com 10 alunos, entre eles nove mulheres e um homem, e no primeiro segmento 3º etapa – B (4º e 5º ano) do ciclo pós-alfabetização com 10 alunos, entre eles seis mulheres e quatro homens. Finalizamos com a entrevista da Professora Regente das duas etapas (turmas).

O quadro 2 e 3, a seguir, traz uma síntese dos informantes da pesquisa. As colunas foram preenchidas com informações sobre as entrevistas e sobre o perfil desses indivíduos. Por conta da proteção da identidade dos informantes, substituímos o nome dos informantes por letras, que os identifica ao longo do trabalho.

Quadro 2: Dados sobre os entrevistados

INFORMANTES DO PRIMEIRO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO			
INFORMANTES	IDADE	SEXO	TEMPO DE ENTREVISTA
A	72	M	04 min 23s
B	64	F	14 min 20s
C	74	F	04 min 23s
D	36	F	06 min 06s
E	56	F	05 min 39s
F	56	F	07 min 22s
G	57	F	04 min 23s
H	40	F	04 min 22s
I	53	F	04 min 22s
J	83	F	06 min 10s

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

QUADRO 3: Dados sobre os entrevistados

INFORMANTES DO SEGUNDO CICLO PÓS-ALFABETIZAÇÃO			
INFORMANTES	IDADE	SEXO	TEMPO DE ENTREVISTA
PROFESSORA	39	F	05 min 36s
L	30	M	12 min 06s
M	17	M	05 min 30s
N	15	M	07 min 10s
O	70	F	08 min 53s
P	59	F	23 min 43s
Q	41	F	07 min 53s
R	61	F	23 min 44s
S	53	F	10 min 03s
T	40	F	10 min 29s
U	46	M	10 min 05s

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Os dois quadros apresentados acima são referentes às duas turmas da educação da EJA; o quadro 2 refere-se ao primeiro segmento 2º etapa de alfabetização de 2º e 3º ano, em que é possível observar que a turma é composta por alunos de faixa etária acima de 30 anos e a maioria são mulheres e há somente um homem dentre todos os entrevistados. A turma era composta por 18 alunos: oito dos alunos não entrevistados, três eram ouvintes não matriculados, e duas eram especiais além de três não quiseram participar da entrevista, tendo como amostra um total de 10 entrevistados, nove do sexo feminino e um do sexo masculino.

No quadro 3, é possível observar uma diversidade na faixa etária dos alunos do primeiro segmento, 3º etapa pós – alfabetização, de 4º e 5º ano, em que há alunos de 15 à 70 anos. A turma era composta de 22 alunos, dentre eles: 10 são da turma anterior e já entrevistada, e 2 entraram no final do período do estágio. Dos 10 entrevistados, quatro eram do sexo masculino e seis do sexo feminino.

O que nos levou a escolher essas duas turmas foi o fato de que a primeira turma de alfabetização é composta por mais idosos do que jovens e somente um do sexo masculino e na segunda turma tem uma faixa etária mais diversificada tendo mais jovens inclusos e a existência de um número maior do sexo masculino.

4 A ESCOLA DO PASSADO NA FALA DOS ALUNOS DO EJAI: PENSANDO O PRESENTE

Nesta parte do estudo, buscamos apresentar alguns testemunhos da escola do passado (uma escola tradicional, que privilegiava uma classe especial, sempre de caráter rígido) na fala de indivíduos frequentadores das aulas da modalidade EJAI no município de Codó, tentando encontrar imagens, lembranças e relatos de uma escola do passado em Codó (por meio dos relatos buscamos evidenciar a descrição dessa escola), suas práticas e resultados. Na primeira parte, apresentamos algumas informações sobre o EJAI em Codó e como ele se organiza. Os dados apresentados em formato de relato têm origem em uma entrevista com a coordenadora do EJAI no município. Logo após, apresentamos os dados sobre a entrevista feita com os alunos e professores da modalidade.

4.1. O EJAI em Codó: organização e procedimentos

- **O funcionamento do processo de alfabetização de adultos no município**

O Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral, Fundação Educar, Vamos Ler foram programas criados por diferentes governos, ou seja, os programas tinham data de início e de término definido. As turmas da EJA era um martírio, pois em algumas escolas, do município, as gestoras não as viam como uma turma igual às outras, dos turnos matutino ou vespertino. Uma forma encontrada também para ver esse acompanhamento, e até atender de melhor as escolas da EJA, foi diminuir o número de escolas, assim garantimos o atendimento, a nucleação e acompanhamento assistencial. Desse modo, fica clara a existência nas escolas de uma vice gestora, no turno da noite (SEMECTI-CODÓ, 2018).

- **Os critérios para a escolha de alfabetizadores na Educação de jovens, adultos e idosos**

Primeiro, tem que ter uma formação inicial, o Ensino Médio é a formação mínima. Alguns são selecionados pela experiência. Assim com estar na lei, devemos contratar por formação na área e claro que a pessoa deve

ter o mínimo de consciência do que irá realizar, pois a EJA é diferente da Educação de Crianças (SEMECTI-CODÓ, 2018).

- **A EJA como modalidade de ensino, como funciona e sua diferença dos programas de alfabetização**

A principal diferença é a continuidade, quando não se sabe ler. Aconteceu no município também o *Brasil alfabetizado*, que tinha 348 participantes e ocorreu em 8 meses. O programa visa a alfabetização, sem continuidade. Na modalidade EJAI, as pessoas têm continuidade sendo de modo mais claro e exposto o incentivo à continuidade na modalidade. Os professores da EJAI preparam e incentivam aos alunos a terminarem o ensino fundamental e os alunos que desejarem continuar seus estudos.

- **A situação da EJA no município de Codó**

Devemos ver a situação como progressiva, pois temos um formato desafiador: o município tem 16 escolas na sede, sete anexos e 1.745 alunos. No campo, contamos com 13 polos, com o total de 832 alunos matriculados. As vagas que existem foram todas preenchidas e os alunos estão em atividade, embora o senso mostrasse que na sala era uma situação diferente, pois existiam alguns EJA que têm matrículas inexistentes, nomes de pessoas inexistentes. Mas, o nosso grande desafio é ter o adulto em sala de aula, A EJAI – Ativo é uma forma encontrada de incentivá-los a estarem nas escolas, pois é um grupo de educadores, o programa objetiva levar as turmas da EJA aos lugares incapazes, ou seja, possuem um atendimento em todos os lugares. É realizado isso progressivamente.

Outra atividade que é realizada, para além do EJAI-ativo, é o EJAI-Start, que quer dizer o “início” ou “largada”. É um evento de abertura das atividades e serve como estratégia para que as pessoas se sintam bem com o que fazem se sintam realizadas com seu trabalho, é procurado atender não somente ao aluno da EJAI, mas também o seu profissional (SEMECTI-CODÓ, 2018).

Na modalidade, a relação aluno e professor devem ser bem próximos, pois sabemos que o público dessa modalidade

necessita de estímulo por parte do professor e é importante a interação tanto do educador como educando que vai possibilitar uma aprendizagem significativa para ambos. Nesse sentido, cumpre lembrar que a interação só acontece quando professor e alunos agem e a ação de um é assimilada pelas ações dos outros, e vice-versa; quando indivíduo e sociedade agem, determinando-se; quando sujeito e objeto agem, transformando-se em função dessas ações (BECKER, 2007, p. 16).

Essa interação faz com que o professor possa identificar os problemas e ajudar o aluno assim também possibilitar ao aluno ver o professor como alguém que está ali para ensinar o que sabe e também aprender, será uma troca de conhecimento, assim como o aluno passará a ter mais confiança no professor. Essas atividades, EJAI Ativo e EJAI start, são atividades que visam fortalecer as interações e a coordenação entre a equipe e os alunos. Desse modo, a modalidade cooperativa não só para o aprendizado de conteúdos, mas também para outros, como o convívio social e o desenvolvimento de uma autoestima.

4.2. Os sujeitos da EJAI em Codó: conhecendo histórias e vidas

Nesta parte do estudo, buscamos apresentar os dados da entrevista que foi feita com os alunos e o professor. Como havia um total de 10 perguntas, dividimos as perguntas em 3 quadros com 3 perguntas. Uma das questões foi fundida com a outra tendo em vista a semelhança entre as questões (3. *Quando você abandonou a escola?* /4. *O que levou você a abandonar?*) e as respostas eram quase sempre as mesmas. Em alguns aspectos, muitos não responderam, tendo em vista que muitos dos informantes desta pesquisa nunca frequentaram a escola regular. Os informantes relataram em suas falas que as escolas eram distantes, não tinham incentivo dos pais e além de terem que trabalhar desde pequenos para ajudar no sustento da família.

Após a apresentação dos dados nos quadros, faremos alguns comentários gerais sobre as questões e as respostas apresentadas pelos informantes da pesquisa.

Na coluna vertical, buscamos identificar o informante, de acordo com os dados dos quadros 2 e 3, Na coluna horizontal, buscamos apresentar alguns dados do perfil desses alunos que foram coletados durante a entrevista.

Quadro 4-Distribuição dos alunos quanto à idade, sexo, profissão, filhos e o que levou a abandonar a escola.

INFOR	Qual sua Idade / Profissão?	Você tem filhos, qual a escolaridade deles?	Quando e o que levou você a abandonar a escola?
A	72 anos /Lavrador	Tenho 3 filhos uma completou os estudos, 2 não.	Nunca abandonei, naquela época não tinha escola no interior.
B	69 anos/ Lavradora	Tenho 8 filhos, alguns deles já terminaram e outros ainda estudam.	Não abandonei. No interior, não tinha escola, fui alfabetizada em casa onde aprendi as letras e a fazer o nome.
C	74 anos/ Lavradora	Tive 5 filhos todos morreram, e criei 16 filhos. Não sei dizer a escolaridade deles.	Nunca abandonei, não tive oportunidade de estudar antes, no interior não tinha escola.
D	37 anos/ Lavradora	Tenho 5 filhos, um terminou o ensino médio e parou, e outros ainda estão estudando.	Não tive oportunidade de estudar devido ter que trabalhar na roça. Na época, os meus pais não deixa as filhas mulheres estudar.
E	56 anos/ Lavradora	Tenho 2 filhos, um parou de estudar para trabalhar e outro faz o ensino médio.	Não abandonei porque nunca estudei antes, no meu tempo não tinha escola no interior.
F	56 anos / Lavradora	Tenho 3 filhos, dois fizeram até o 4ºano fundamental e parou. Uma filha terminou estudos.	Não abandonei porque nunca estudei antes. Comecei há pouco tempo.
G	57 anos/ Lavradora	Nunca tive filhos, criei 5 sobrinhos, quatro deles estudaram, um é deficiente não pode ir à escola.	Nunca fui à escola quando pequena me casei aos 12 anos sem nunca ter estudado.
H	34 anos/ Dona de casa	Tenho 6 filhos, um está trabalhando e os 5 está estudando.	Nunca abandonei, não tive oportunidade de estudar
I	53 anos/ Lavradora	Tenho 4 filhos, todos concluíram o ensino médio, e dois faz faculdade de Farmácia e Radiologia.	Abandonei ainda criança, devido não aprender e ficar reprovada várias vezes na mesma série.
J	83 anos / Doméstica	Tenho 9 filhos, dos 9 só 2 terminaram os estudos e os demais não estudaram.	Nunca teve oportunidade de estudar, porque no meu tempo não tinha escola no interior.
L	30 anos/ Trabalhava como auxiliar de operador de lavador	Tenho 2 filhos, e estuda no ensino fundamental 4º e 5º ano.	Abandonei por várias vezes o estudo, por ter que trabalhar dia e às vezes a noite.
M	15 anos/ Não trabalho	Não tenho filhos.	Quando estava no 4ºano fundamental, morava no interior e a professora faltava muito não conseguiu aprender muita coisa.
N	Tenho 18 anos/ M / Trabalho no lava jato.	Não tenho filhos.	Abandonei aos 14 anos no 4ºano, por vários motivos, brigas, ter que trabalhar, devido meu próprio desinteresse.
O	Tenho 69 anos/ F / Lavradora	Tenho 5 filhos, dentre eles três são formados, os outros estudou só ensino médio.	Não abandonei, só não tive oportunidade de estudar antes no tempo certo.
P	Tenho 59 anos/ F / Lavradora	Tenho 3 filhos, dois está no ensino médio, e uma na universidade em Codó.	Não abandonei, não tive oportunidade de estudar, fui criada trabalhando para ajudar minha mãe.
Q	Tenho 60 anos/ F / Lavradora	Tenho 2 filhos, uma faz ensino	Não abandonei, só tive pouca

		médio e o outro fez só o fundamental e parou.	oportunidade de estudar fiz o ABC e Cartilha.
R	Tenho 41 anos/F/ Doméstica	Tenho 1 filho, e é especial não estuda.	Abandonei estudos, porque viajava muito para trabalhar e não tinha como estudar e trabalhar,
S	Tenho 52 anos /F/ Lavradora/cabeleireira	Tenho 3 filhas e estudou só até o 5ºano fundamental.	Não abandonei, só não estudei porque no interior não tinha escola.
T	Tenho 40 anos/F/ Cozinheira e Confeiteira	Tenho 4 filhos, todos estudam, só o mais velho abandonou os estudos no 8ºano.	Abandonei no 1ºano do fundamental, por rebeldia mesmo na época não gostava de estudar.
U	Tenho 48 anos/M/ Lavrador	Tenho 7 filhos, só um parou de estudar, os demais estão estudando o fundamental.	Ainda pequeno, fiz só o ABC, e abandonei por não ter incentivo dos pais que morávamos no interior e a escola era muito longe.

Fonte: Pesquisa de Campo

Nessa tabela, apresentam duas turmas do primeiro segmento de alfabetização 2º e 3º / 4º e 5º da EJA. Conforme observamos na entrevista, é possível observar que a maioria dos alunos é composta por mulheres, poucos homens retornam para a escola. Isso pode indicar que as mulheres têm mais interesse na escolaridade do que os homens, em alguns casos, os alunos do sexo masculino têm vergonha de voltar a estudar, conforme relatos da professora que atende as duas turmas.

Dentre as perguntas, é possível perceber que maioria dos adultos é trabalhadores rurais com baixo nível de escolaridade ou indivíduos que nunca frequentou a escola, tendo em vista que fatores internos e externos à escolas o fizeram abandonar ou nem frequentar. Muitos deles, como apresentados nos relatos, tiveram que trabalhar na infância até a adolescência. A informante I afirmou que ficou reprovada várias vezes até desistir. A informante D, por sua vez, disse que os pais não permitiam que mulheres estudassem, pois, segundo a própria informante, a ideia dos pais era que as meninas estudavam para escrever carta de amor aos namorados. A informante G informou que por ter casado cedo, aos 12 anos, não pode frequentar e o informante L relatou que a necessidade do trabalho o impediu de participar da escola. No entanto, a distância ou a completa ausência da escola na zona rural do município foi o fator primordial para que esses indivíduos não frequentem a escola.

Podemos observar que, dos 20 alunos entrevistados, alguns tiveram o direito fundamental de estudar negado. São indivíduos que viveram uma realidade distante

do que lhes eram de direito. Esses indivíduos são pessoas trabalhadoras, mães, pais, donas de casa, entre outras, que encontram hoje na escola um ensino que antes não havia mais que buscam aprender. São jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar, e muitos, devido serem indivíduos com passagem curta ou nenhum acesso à escola. Em alguns relatos, percebem-se história de vida difícil em que morava em zona rural sem nenhum acesso a serviços básicos, dentre eles, a educação. Dificultando o abandono por diversos motivos entre os quais a dificuldade de aprendizagem, a falta de motivação para aprender, por não ter incentivo familiar e muitos por falta de possibilidade, no entanto podemos perceber que apesar de não terem tido oportunidade de estudar quatro dos entrevistado os filhos estão cursando o ensino superior ou mesmo terminaram, neste sentido diferente do passado os pais incentivam seus filhos a estudar, percebem que a Educação é importante para o mercado de trabalho .

Quadro 5 – Distribuição quanto à série atual, motivo que trouxeram a sala de aula e diferença da escola hoje e do passado

INFOR	Em qual série você está na modalidade EJA?	Por que voltou para a sala de aula?	Existe diferença entre a escola de agora e do passado?
A	2º e 3º ano	A vontade de aprender a ler e escrever.	Sim, porque naquele tempo não tinha escola no interior, hoje, tem, só não estuda quem não quer.
B	2º e 3º ano	Para aprender mais, pois não importa a idade e sim a vontade de aprender.	Sim, pois antes o estudo era mais rígido, tinha palmatória, hoje em dia tem mais facilidade.
C	2º e 3º ano	Porque eu quero pelo menos aprender a fazer meu nome.	Sim, porque antes eu não tinha oportunidade e hoje tenho vontade de aprender a conhecer meu nome.
D	2º e 3º ano	Porque eu tinha vergonha por ser tão nova e não saber nem assinar meu nome.	Sim, porque no meu tempo não tive oportunidade de estudar e hoje tem mais facilidade.
E	2º e 3º ano	Porque eu não sabia escrever meu nome, e a vontade de aprender a ler a bíblia e pregar o evangelho.	Não tive oportunidade de estudar e comecei a trabalhar aos 11 anos por ter perdido meus pais cedo.
F	2º e 3º ano	Porque antes eu não tive incentivo familiar e hoje eu tenho da minha professora.	Nunca estudei, esse é o primeiro ano que estou na escola.

G	2º e 3º ano	Vontade de aprender.	Sim, antes não tive oportunidade de estudar e hoje já sei escrever meu nome e ler pequenos textos.
H	2º e 3º ano	Vontade de ler e estudar.	Não sei diferenciar, mas hoje sei que a escola é gratificante, pois já sei escrever meu nome e antes eu não sabia.
I	2º e 3º ano	Vontade de aprender a ler.	Sim, porque hoje as escolas são mais avançadas, têm mais novidades, e antigamente tinha dificuldade de aprender.
J	2º e 3º ano	Porque eu tenho uma Bíblia e quero aprender a ler.	Não sei dizer a diferença, pois não estudei quando pequena, só sei dizer que hoje estou gostando. A professora é boa, a escola também, e eu já sei assinar meu nome.
L	4º e 5º ano	Devido ao benefício do INSS, que para receber novamente, exigia ter pelo menos o fundamental.	Sim, pois tem uma grande diferença, pois se, naquele tempo, fosse como o estudo de hoje, eu tinha aprendido muita coisa e estaria bem melhor, teria terminado e saberia mais.
M	4º e 5º ano	Porque agora que estou na cidade e quero aprender mais.	Sim, pois o que estudei no interior foi muito pouco só ler e escrever, ainda tenho dificuldades na leitura.
N	4º e 5º ano	Porque não quero me alistar no exército e sim ser segurança.	Sim, porque antes sabia e agora não sei devido o tempo que passei sem estudar, fez com que esquecesse. Hoje, consigo ler e tenho dificuldade para escrever.
O	4º e 5º ano	Foi por ter um objetivo de aprender e adquirir mais conhecimento.	Não sei diferenciar, pois nunca estudei antes, mas, posso afirmar que depois de começar estudar já aprendi muitacoisa.
P	4º e 5º ano	Mesmo com problemas de esquecimento, voltei a estudar.	Sim, existe, pois antes não aprendi nada, nem mesmo meu nome, se os estudos daquele tempo fossem que nem os de hoje aprendia mais.

Q	4º e 5º ano	Porque sem leitura é muito ruim, e quero aprender "ler".	Sim, tem muita diferença porque antigamente começava no ABC depois a cartilha para a 1º/2º até terminar, hoje é bem diferente é só um livro e tem tudo nele.
R	4º e 5º ano	Para melhorar o aprendizado de leitura e escrita, aprender mais.	Não mudou muita coisa do tempo que comecei até agora, pois fui à escola depois de grande.
S	4º e 5º ano	A vontade de aprender ler e escrever.	Mudou e tem diferença, porque quando criança é de um jeito, não tinha como estudar, apesar de querer, devido não ter escola no interior, hoje já tem.
T	4º e 5º ano	Porque minhas filhas faziam perguntas e eu não sabia responder.	Sim, porque naquele tempo era a época da ditadura e da palmatória e rigidez, e eu não gostava, já hoje é tudo moderno e as crianças, o adulto aprendem tudo no seu devido tempo.
U	4º e 5º ano	A grande dificuldade que antes não sentia, hoje tem por questões do trabalho como pedreiro.	Sim, porque o que não consegui aprender antes, hoje eu aprendo muitas coisas. Já consigo ler, pouco mais, aprendi meu nome, ainda tenho dificuldade em escrever algumas palavras sozinhas, mas tento.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Observa-se que esses alunos trazem consigo histórias longas, conhecimentos e experiências acumuladas de si mesmo e do seu tempo em que a escola era restrita e suas técnicas de ensino eram punitivas e agressivas. Como exemplo tem o relato da aluna que estudou no Mobral onde só poderia estudar os não alfabetizados, ou seja, os que conhecessem o ABC e colocasse o nome. O professor era rígido, usava palmatória, dificultando a permanência dos alunos na escola, mesmo que o ensino estabelecido fosse significativo.

Outros discursos nos levam a observar ou a ter uma ideia de como era o ensino no passado e quais foram os motivos que fizeram com que os raros alunos que participavam do ambiente escolar desistissem dele. Muitos são os motivos que fizeram com que os alunos voltasse para a escola. A grande maioria pelo desejo de

aprender conhecimentos básicos, como saber ler e escrever. No entanto, outros fatores também colaboram com esse retorno, como a vergonha de não saber e escrever, o desejo de se inserir em práticas letradas na comunidade e ainda de receber benefícios sociais. Nesse sentido, por exemplo, temos a informante D, afirmando que o interesse em retornar para a escola estava no fato de ela ser tão jovem e ainda ser analfabeta. O informante N, por sua vez, mostra o desejo de participar de um grupo profissional que lhe exige o conhecimento da leitura e da escrita.

Quando se pensa na diferença entre a escola do passado e a do presente, é possível observar que, dos poucos informantes que estudaram na infância, a violência metodológica, técnicas de maus tratos e o próprio material didático são questões que, na visão dos informantes, mudou. Por exemplo, a informante I afirma ter havido mudanças de forma de ensino do passado e hoje. O informante D, por sua vez, também mostrou que percebeu mudanças na forma de ensino e no material de ensino. O informante P afirma que se a escola trabalhasse do mesmo modo que é trabalhado atualmente, certamente ele aprenderia mais.

Muitos desses alunos têm retomado aos bancos escolares com expectativas em relação à escola, o espaço que, para muitos deles, é novidade, só se conhecia por ouvir falar. Para os que voltam, quando retomam, percebem que o valor dado a eles vai se fortalecendo, apontando o fato de que a escola supre a necessidade dos alunos hoje, apoiando e incentivando a relação entre professor-aluno. Nesse sentido é que, na EJA, o professor tem que desenvolver estratégias para que esses alunos possam permanecer em sala de aula suprimindo suas reais necessidades e dificuldades.

Quando relatam sobre as diferenças em relação ao ensino de antes e de hoje, alguns não sabem diferenciar devido ao não acesso à escola antes, pois precisava trabalhar e ajudar os pais, e alguns deles falam do pouco contato com a escola em que aprenderam e esqueceram devido ao não ter continuado, dificultando assim o aprendizado hoje, devido às mudanças ocorridas nas práticas sociais em que tudo é moderno. No contexto da EJA, o aluno tem mais liberdade de aprender e a afetividade com o professor traz segurança, elogios e incentivos para adquirir conhecimento de leitura e escrita.

Quadro 6 – Acolhimento quanto a estudar em casa, dificuldades nas matérias e perspectiva de futuro.

INFOR	Como você faz para estudar em casa?	Qual matéria você tem mais dificuldade?	Quais as suas perspectivas de futuro?
A	A professora passa a lição para fazer, tem dia que faço tem dia que não.	Tem sim, mas não são muitas, a maior dificuldade é nas de conta.	Eu não quero parar de estudar, quando ainda tiver o que estudar eu vou. Temos que pensar em crescer e não a diminuir. Quem não estuda não é conhecido.
B	Pego os livros e vou folheando e lendo aqueles que me chamam atenção, e sempre gosto de responder as atividades que a professora passa.	Sim, a disciplina de matemática.	Eu quero ir além, me aprofundar mais, estudar e fazer curso de computação.
C	Não estudo, porque não tenho tempo só estudo na escola.	Em todas, porque minha memória já tá gasta, e minha vista não é boa, mas me esforço muito para aprender.	Ir para escola até o dia que Deus mandar, pois meu intuito é de aprender assinar meu nome completo.
D	Não estudo em casa, pois não tenho tempo.	Sim, de matemática.	Aprender um pouco mais, ler melhor, saber mais sobre matemática.
E	Estudo a bíblia.	Sim, matemática é a mais difícil.	Aprender ler e escrever para que eu possa aprender o evangelho e pregar a palavra de Deus.
F	Às vezes, peço para minha filha explicar as atividades que eu não sei, aí ela lê e me explica e vou fazendo.	Todas as matérias.	De aprender ler e escrever, e assinar meu nome.
G	Eu leio os livros para melhorar a leitura e faço as atividades nas horas livres.	A única matéria que eu não tenho dificuldade é em matemática, pois está no meu dia a dia, as outras disciplinas estou aprendendo agora e estou gostando muito.	De aprender mais e desenvolver minha leitura por isso pretendo estudar cada vez mais e não desistir.
H	Nos tempos livres minha filha me ajuda a fazer as atividades, foi com a ajuda dela que eu aprendi a assinar meu nome e a conhecer algumas letras.	Devido eu ter começado estudar agora, ainda não sei diferenciar as matérias.	Se caso eu operar e sobreviver, eu pretendo continuar estudando.
I	Eu tento fazer leituras para não esquecer o que aprendo na escola, e faço as atividades que a professora manda.	Sim, matemática e português.	Estudar mais para poder aprender ler e escrever melhor.
J	Tento ler algumas palavras com a ajuda de alguma pessoa que aparece lá em casa,	Em todas as disciplinas.	De aprender ler e escrever, para que eu possa me desenvolver mais, e também que eu possa conseguir ler a

	mais é raro.		bíblia.
L	Não estudo, pois não tenho tempo de estudar em casa porque tenho que ir para roça,mas assim que posso estudo.	Tenho mais dificuldade em matemática e português.	Pretendo terminar o fundamental, pois hoje tudo depende do estudo.
M	Não estudo em casa só na escola mesmo.	Sim, a matemática eu acho mais difícil.	Pretendo terminar os estudos e ser policial.
N	Não tenho tempo de estudar em casa.	A matéria que tenho mais dificuldade é a matemática.	Não pretendo mais abandonar a escola, pois quero terminar os estudos, porque quero ser segurança ou montador de carro.
O	Apesar dos serviços de casa que são muitos, ainda cuido de um bebezinho, mais sempre que tenho tempo eu pego no livro leio algumas palavras.	Sim, a mais difícil para mim é a matemática.	Não, vou parar por aqui.
P	Não tenho tempo, só estudo na escola junto da professora.	A matemática nunca aprende nem aprender a somar nada, às vezes, só de cabeça.	Não tenho devido à dificuldade de aprendizagem que tenho já fui e voltei de uma sala a outra.
Q	Só estudo na escola, pois não tenho tempo em casa devido os afazeres, e ter que cuidar do meu neto.	A matemática é a mais pesada.	É de somente aprender a ler.
R	Não tenho tempo de estudar em casa, só na escola mesmo.	A matemática para mim é a mais difícil.	É de poder terminar os estudos até o final, pois, quero fazer um curso superior de gastronomia ou nutrição.
S	Tiro um tempinho para olhar os livros.	Todas.	Minha maior vontade é poder aprender ler, e realizar o sonho de ser professora.
T	É muito raro eu pegar no livro e fazer leitura, devido os afazeres de casa.	Ainda tenho dificuldades em todas as disciplinas.	Ser missionária e ser cuidadora de idosos, e daquelas pessoas que estão doentes ou acamadas.
U	Não tenho tempo de estudar em casa o que aprendi até agora só na escola mesmo.	Sim, a matemática.	Não sei se vou terminar o ensino médio, mais o que eu mais quero é aprender ler.

Fonte: Pesquisa de Campo

Nesse quadro, as perguntas estão relacionadas à educação de modo como almeja o conhecimento dentro e fora do ambiente escolar, suas dificuldades em assimilar algumas disciplinas e expectativas de futuros, pois os alunos da educação de jovens e adultos trazem consigo uma bagagem de saberes e experiências a serem respeitadas e valorizadas no campo educacional. No entanto, no relato

desses informantes/alunos, é possível observar muitos sonhos e realizações, embora socialmente de pouco valores estejam na mira desses alunos.

Como se vê no relato dos alunos, muitos deles apresentam dificuldade por terem que trabalhar cuidar da casa, entre outros afazeres, limitando o tempo que eles têm para desenvolver a habilidade de leitura e de escrita fora da sala de aula. De qualquer modo, com dificuldades no aprendizado, os alunos vontade de aprender mais o que não aprenderam antes, e enfrentar o desafio da Matemática.

De uma maneira geral, todos respondem de um modo geral seus anseios em não gostar, mas têm consciência de que a matemática está presente no dia a dia de todos, Alguns deles sabem o básico do que aprendeu e como aprendeu, sabem somar oralmente fazer pequenas contas, mas quando estão diante das aulas exposta pelo educador, eles sentem dificuldade e temem em não conseguir aprender.

Cumpra-se atentar para o fato de essas dificuldades não os impedem de realizar sonhos, conquistas, que, para muitos, configura-se na capacidade de saber ler e escrever, além de ingressar no mundo ainda melhor de conhecimentos como terminar os estudos, conhecer tecnologias, ingressar no curso superior, pois para alguns deles, nunca é tarde para adquirir mais aprendizado.

Assim, como afirma a maioria dos entrevistados que não tiveram oportunidade de estudar e que apesar da idade tem vontades de ir além do alfabetizar, ou seja, ler e escrever, pois sabemos que vivemos no mundo de constantes transformações e que exige muito mais deles. A seguir, apresentamos a fala da professora das duas turmas. Buscamos saber da docente sobre o trabalho na modalidade e quais os principais aspectos do trabalho docente nessa modalidade. O quadro 4 a seguir, traz as informações dadas pela profissional.

Quadro 7 – Informações dadas pela docente da pesquisa

Informante	Professora Regente / Turmas A e B
Qual sua idade e profissão?	39 anos, formada em pedagogia.
O que levou você a trabalhar na modalidade EJA?	Por serem pessoas que não tiveram oportunidade de estudar no passado.
Você se sente estimulada com a turma da EJA?	Sim, e também realizada, estimulada e prazerosa em estar nessa modalidade.
Qual a metodologia usada para trabalhar na EJA?	O principal é o amor, a dedicação e se doar para estimular todos os alunos a aprender.

Você já pensou em desistir de ser professora dessa modalidade na EJA?	Não, como já falei é a modalidade em que me dediquei e tenho grandes profundidades em me aproximar deles, e me sinto realizada então desistir nunca.
Para você existe diferença entre o aluno da EJA e os outros níveis de ensino?	A única diferença é que eles estão na escola por vontade própria de querer aprender um pouco mais. Porém são iguais tão quantos os outros a diferença é a determinação que eles têm em querer e buscar conhecimento.

Fonte: Pesquisa de Campo

A professora conta sobre sua história de vida com a sua primeira experiência ao atuar na educação após o término do curso de pedagogia, foi com adultos em 2000, no programa Brasil Solidário, era um programa de curta duração apenas de seis meses atuando com pessoas adultas que nunca tinha ido à escola antes, por isso, a experiência na EJA a fez aprender junto com eles, a professora relatou em suas falas que aprendeu com as experiências de vidas dos alunos, houve uma troca de experiências, além de outras experiências que teve trabalhar na educação infantil creche e ensino fundamental 1º à 5º, mas, desde 2002 que atua na modalidade EJA na escola Maria Alice, e hoje se sente muito grata e realizada em dedicar-se a pessoas que tem vontade em aprender e adquirir conhecimento.

Nesse sentido, o aluno precisa sentir que o professor gosta do que faz, ao preparar suas propostas pedagógicas de aulas com dedicação, atenção e perceber o quão grande é a importância em diferenciar a trajetória escolar do aluno diferenciando a seu tempo de aprendizado em que cada um pode estar na escola, de modo que a educação do adulto é importante tanto o conteúdo a ser ministrado quando o conviver com alunos com dificuldades diferentes dos alunos da educação regular, pois o adulto traz consigo conhecimentos de mundo e tem vontade própria de querer aprender e ir além do simples alfabetizar. Para esses alunos é importante adquirir domínio de leitura e escrita, e assim poder estar inserido na sociedade conquistando o lugar que por muitos anos ao longo da história lhes foram tirado por questões que estavam fora de suas possibilidades.

A Professora ainda afirma que ensinar alunos desde a educação infantil até a EJA, se não trabalhar com dedicação e amor não tem êxito, não tem uma boa saída, pois há questão em ensinar o adulto é somente a idade deles das dificuldades que alguns têm, como problemas na visão dificultando o aprender deles, mas

sentem um querer mútuo, em entrar no mundo de realidades diferentes do que tinham vivenciado antes por falta de oportunidades. Desse modo, um professor da modalidade do EJA precisa ter a capacidade de fazer com que esses jovens e adultos sintam vontade de permanecer dentro da sala, e isso depende muito do jogo de cintura que o educador possa realizar para com esses alunos trazendo e criando algo que faça sentido a sua realidade.

Ao analisarmos as duas turmas do primeiro segmento da 2º e 3º etapa de alfabetização e pós-alfabetização, temos como observar que houve uma diferença de idade mínima e máxima nas duas turmas, em que na 2º etapa foi respectivamente de 36 e 83 anos com apenas um homem em sala, e na 3º etapa 15 e 70 anos respectivamente com a presença de quatro homens em sala. Quanto aos motivos que levaram estes alunos ao abandono escolar, na maioria dos casos isto ocorreu devido à falta de renda familiar e, conseqüentemente, à necessidade de trabalhar no campo e por não terem a oportunidade de estudar, pois não tinha escola onde moravam ou por não terem apoio da família.

O que chama a atenção na hora da entrevista é que a grande dificuldade que eles apresentaram, pois havia a necessidade de ajudar nas tarefas domésticas. Este fato é preocupante quando voltamos à premissa de que a ajuda em casa ainda é mais importante que os estudos ou a continuação dos mesmos. Após o abandono escolar, o retorno à escola deu-se a vontade de querer aprender, ler e escrever, a chance de poder ingressar em uma faculdade, poder ensinar os filhos, pregar o evangelho as pessoas, sem falar nas necessidades básicas que uma pessoa precisa no dia a dia.

Mesmo após tantos anos afastados da escola, estes indivíduos perceberam a necessidade dos estudos, da aquisição de conhecimentos em suas vidas visando melhorias na qualidade de vida. Quando solicitado aos alunos o motivo pelo qual retornaram a escola na modalidade EJA, foram verificadas as seguintes questões:

- “A vontade de aprender a ler e escrever.”
- “Porque eu tinha vergonha por ser nova e não saber assinar meu nome.”
- “Porque antes eu não tinha incentivo familiar e hoje eu tenho da minha professora.”
- “Devido ao benefício do INSS que para receber novamente, exigia ter pelo menos o fundamental.”

- “Porque não quero me alistar no exército e sim ser segurança.”

Desse modo, esses dados nos apontam para uma realidade do próprio aluno, que, como indivíduo, tem com a escola uma relação e essa relação diz muito da permanência e no sucesso desses indivíduos fora dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, é possível chegar a algumas respostas sobre abandono escolar e a vida e a história dos alunos da modalidade do EJA em Codó. A idade dos alunos que optam pela modalidade de ensino EJA é muito variável, e consiste entre 15 e 85 anos das turmas, e que há um número maior de indivíduos do sexo feminino.

Em ambas as turmas foram possíveis perceber que há poucas lembranças da vida escolar dos alunos no passado, visto que poucos tiveram oportunidade de estudar devido a ausência de escolas onde moravam, pois eram da zona rural e por não terem apoio da família, sendo um dos principais motivos do abandono escolar a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento de casa, muito embora essa não fosse a única razão. No discurso dos alunos da modalidade, há relatos de que quando tinha acesso à escola era de forma indireta, pois os professores eram leigos e tinha pouca qualificação, sendo rígidos e usavam palmatória, dificultando o ensino. Isso nos dá um retrato de um modelo escolar que deu poucos resultados e, em alguns casos, resultou em fuga e o abandono do ambiente escolar.

Para muitos desses alunos, a escola do passado não reflete no ensino de hoje. O principal motivo de retornarem às escolas foi o reconhecimento da necessidade de estudo, da vontade de querer aprender, poder ler e escrever, a querer usar as novas tecnologias, poder ensinar seus filhos, pregar o evangelho às pessoas, poder ingressar em uma faculdade, podendo ir e voltar sem ter que ficar perguntando as pessoas e as necessidades da vida.

Nesse sentido percebe-se que todos tem um sonho de aprender e ir além de um simples alfabetizar, que apesar da idade, tem um sonho a ser realizado, muito embora os alunos que frequentem a modalidade de ensino para jovens e adultos ainda sejam vistos como alunos fracassados que estão inseridos nesta modalidade de ensino por terem abandonado a escola, é necessário e indispensável que se busque conhecer quais os motivos desse abandono.

Uma vez que esses alunos, ao retornarem a escola, são necessários recebê-los em um novo modelo, de uma escola diferente da que eles abandonaram, num contexto social que para que estejam preparados para atender seus anseios futuros. Esses indivíduos veem na escola do presente uma melhora em suas

condições sociais, ingressar em um curso universitário e adquirir conhecimentos que o integrem a sociedade.

A experiência do nosso estágio na modalidade EJA, em uma turma com diversificada entre os jovens e adultos, tornou possível constatar uma diferença bastante interessante no convívio entre as diferentes gerações, permitido pela modalidade: os jovens têm menos interesse em aprender que os adultos e com a mesma defasagem escolar. Muitos desses jovens alunos são alunos que vem do interior e não estão alfabetizados.

Desse modo, é importante concluir afirmando que os alunos da modalidade EJA são pessoas que sabem o que querem e com vontade de aprender, se tiverem educadores que tem compromisso e dedicação e o prazer em buscar conhecimento para repassar aos alunos, um conhecimento “traduzido” e que faça parte da realidade desses alunos, diferenciando da modalidade de ensino regular. Embora não tenham tido oportunidade de estudar antes, sentem-se ávidos por aprender e pelo saber, não apenas pela conquista social, mas também pelo aprendizado e pela colocação na sociedade, que exclui esses indivíduos. Pode perceber que apesar da experiência da professora e sua formação, alguns professores da EJA tem somente o ensino médio, sendo, portanto destacar a necessidade de oferta de formação específica aos profissionais, para que eles possam utilizar metodologias e ferramentas que torne às aulas mais dinâmica e atrativa aos alunos dessa modalidade.

Por meio da fala desses indivíduos, foi possível observar que a escola do passado, em muitos aspectos facilitava o abandono, fora que suas práticas eram agressivas e punitivas. O relato dessas pessoas nos mostra que o espaço da escola não pode repetir esses mesmos erros. O relato dessas pessoas mostra o quanto é importante que reconheçamos a importância do acesso à escola na idade certa, em uma escola acolhedora, não modelar. Uma escola que acolha, não exclua.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana de; CORSO, Angela Maria. A educação de Jovens e Adultos: Aspectos históricos e sociais. *In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 12. Formação de Professores, complexidade e trabalho docente. Anais...* Paraná, 2015.
- ALMEIDA, Jucileide da Silva. **Ensino de história das Mulheres: experiência na Educação de Jovens E Adultos – EJA em Imperatriz-MA, 2018, Dissertação (Mestrado em Ensino de História) Universidade Federal do Tocantins, 2018. 178 f.**
- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (org.). Diálogos na educação de jovens e adultos.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.
- ARROYO, Miguel González. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. *In: Arroyo, 2011. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.* Brasília, DF: UNESCO, MEC, 2005.
- BELUZO, Maira Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. **Caderno de Educação: ensino e sociedade.** n. 2, v.1, p. 196-209, 2015.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BRASIL, **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática.** Brasília: UNESCO, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **A Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso: 15 jun. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 13/07/19.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB 1/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. **Diário Oficial [da] União,** Brasília, 2000, Seção1, p.18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.p.
- BRASIL. Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 15 jun. 2019.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CODÓ. Conselho Municipal de Educação. **Parecer nº 001/2017:** regulamentação da Educação de Jovens, Adultos e Idosos para reconhecer a inclusão do idoso como sujeito de direito na EJA. Codó: SEMECTI, 31 maio 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Lei nº 9.394/96**: LDB – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CABRAL, Maria Regina Martins. Das redes aos espaços de aprendizagem: movimentos, políticos e ideias para a educação de jovens e adultos trabalhadores no Brasil e no Maranhão. In: ROSAR, Maria de Fátima Felix; HORA, Lícia Cristina Araújo da. **Trabalho & educação de jovens e adultos no Maranhão**. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 31- 50.

CORTADA, Silvana. **EJA – Educação de Jovens e Adultos e seus diferentes contextos**. Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

CASTRO, César Augusto (org.). **Leis e regulamentos da Instrução pública no Maranhão Império**. São Luís: EDUFMA, 2009.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José e (org.) **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21-24.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José e. Compromissos do Educador de Jovens e Adultos. In: GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007. p. 61 – 79.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José e. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAZOLI, Daniela Gobbo Donadon. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a dimensão efetiva na mediação pedagógica. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). **A efetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 63-111.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, Maria Clara Di. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.14, p.108-130, maio/ago., 2000.

HICKMANN, R. I. (org.). **Estudos sociais**: outros saberes e outros sabores. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? **Cereja**, 2010. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019.

KREUTZ, Lúcio. **Os movimentos de educação popular no Brasil, de 1961- 64**. 1979. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação, Rio de Janeiro, 1979. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9234/000024326.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MARTINS, Adelaide Terezinha de Oliveira; AGLIARDI, Delcio Antônio. A legislação de educação de jovens e adultos a partir da constituição federal de 1988. Seminário Diálogos com a educação: desafios da EJA contemporânea. **Anais...** Universidade de Caxias do Sul, 2013.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e Andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista Educação Popular**, v.12, n.1, p.143-153, 2013.

MOLL, Jaqueline. Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento. *In: Educação de Jovens e Adultos*. MOLL, Jaqueline. (org.). Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 7-16.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**. Curitiba: Educarte, 2003.

NASCIMENTO, Juliane do. A educação de jovens e adultos no Brasil: A problemática da alfabetização no país. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSSSE, 1. **Anais...**, 2011.

SANTANA, Daniella Cordeiro dos Santos de; SANTOS, Francisca Maria de Sousa; SANTOS, Silvana Maria; ORQUIZ, Isabel Cristina de Aguiar. EJA: breve análise da trajetória histórica e tendências de formação do educador de jovens e adultos. *In: Fórum Internacional de Pedagogia, Trabalho e Educação*, 4. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2012. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/28e93eb53881513e51959a43ae232800_1862.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

SOARES, Leôncio; GIOVANTTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.). **Diálogo na Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

APÊNDICE A**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
PROJETO HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS NA ESCOLA MARIA ALICE MACHADO
NO BAIRRO SÃO FRANCISCO, CODÓ-MA****GUIA DE CONVERSAÇÃO COM OS ALUNOS DA EJA**

1. QUAL A SUA IDADE E PROFISSÃO?
2. VOCÊ TEM FILHOS, SE SIM, QUAL A ESCOLARIDADE DELES?
3. QUANDO VOCÊ ABANDONOU A ESCOLA?
4. O QUE LEVOU VOCÊ A ABANDONAR
5. EM QUE OU QUAIS AS SÉRIES VOCÊ ESTÁ NA MODALIDADE EJA?
6. O QUE LEVOU VOCÊ A VOLTAR PARA A SALA DE AULA?
7. EXISTE DIFERENÇA ENTRE A ESCOLA DE AGORA E DO SEU TEMPO?
8. COMO VOCÊ FAZ PARA ESTUDAR EM CASA?
9. EXISTE ALGUMA MATÉRIA QUE VOCÊ TENHA MUITA DIFICULDADE?
10. QUAIS SUAS PERSPECTIVAS DE FUTURO QUANDO VOCÊ CONCLUIR OS ESTUDOS?

APÊNDICE B**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
PROJETO HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS NA ESCOLA MARIA ALICE MACHADO
NO BAIRRO SÃO FRANCISCO, CODÓ-MA****GUIA DE CONVERSAÇÃO COM A PROFESSORA DA EJA**

1. QUAL A SUA IDADE E PROFISSÃO?
2. VOCÊ TEM FILHOS, SE SIM, QUAL A ESCOLARIDADE DELES?
3. QUANDO VOCÊ ABANDONOU A ESCOLA? O QUE LEVOU VOCÊ A ABANDONAR?
4. EM QUE OU QUAIS AS SÉRIES VOCÊ ESTÁ NA MODALIDADE EJA?
5. O QUE LEVOU VOCÊ A VOLTAR PARA A SALA DE AULA?
6. EXISTE DIFERENÇA ENTRE A ESCOLA DE AGORA E DO SEU TEMPO?
7. COMO VOCÊ FAZ PARA ESTUDAR EM CASA?
8. EXISTE ALGUMA MATÉRIA QUE VOCÊ TENHA MUITA DIFICULDADE?
9. QUAIS SUAS PERSPECTIVAS DE FUTURO QUANDO VOCÊ CONCLUIR OS ESTUDOS?